

EMPRESÁRIOS INDUSTRIAIS: O CASO DOS NIPO-PRUDENTINOS.

Adriano Amaro de SOUSA¹

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério SPOSITO²

Resumo: Este texto apresenta a gênese e desenvolvimento do empresário industrial nipo-prudentino, a partir da trajetória de trabalho do imigrante japonês, desde a sua participação como colono no complexo cafeeiro até o seu papel na industrialização do Oeste Paulista. Resgata-se, também, o histórico da industrialização prudentina como decorrência da acumulação capitalista local. As indústrias e os industriais selecionados deram-se por meio dessas quatro empresas: Bebidas Astecas Ltda, Bebidas Funada Ltda, Bebidas Wilson Ind. e Com. Ltda e Sakura Nakaya Alimentos - essas indústrias são de médio porte e foram escolhidas pela magnitude do seu capital. Por fim, analisou-se primeiramente as noções epistemológicas sobre o empresário brasileiro e, posteriormente, o desenvolvimento e da indústria e do empresariado nipônico local.

Palavras-chaves: imigrante japonês – indústria – empresário – nipo-prudentino.

Introdução

A reflexão aqui proposta é fruto de uma parte do relatório parcial de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo intitulada “*O empresário nipo-prudentino: de colono a industrial*”, refere-se à geografia econômica dando ênfase na territorialização das indústrias e dos industriais. Assim, os empresários industriais nipo-prudentinos serão (de modo geral) analisados pela trajetória de trabalho do imigrante japonês, desde a sua participação como colono no complexo cafeeiro até o seu papel na industrialização do Oeste Paulista. Entendemos, aqui, como nipo-prudentino os imigrantes japoneses e seus descendentes territorializados em Presidente Prudente/SP. Este texto, que ora apresento, busca fazer uma interlocução com os demais textos do eixo temático “*Ações empresariais e empreendedorismo*”.

Desse modo, o município de Presidente Prudente/SP é o campo empírico desse estudo. Este originou-se da expansão da economia cafeeira, através do loteamento de terras à beira da Estrada de Ferro Sorocabana, ocasionando a formação dos dois núcleos urbanos: Vila Goulart (do Cel. Manoel Goulart) e Vila Marcondes (do Cel. José Soares Marcondes) que posteriormente formaram a cidade. Presidente Prudente/SP passou, ao longo de sua história, por mudanças nas suas atividades econômicas (agropecuária, industrial, mercado

¹ Bolsista FAPESP, sob a orientação do Prof^o Dr. Eliseu Savério Sposito.

² Bacharel em Ciências Econômicas pelas Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” e aluno do 3º ano de Geografia na UNESP/FCT. Membro do Grupo de Pesquisa “Produção do Espaço e Redefinições Regionais” (GAsPERR) – eixo 2 “Dinâmica Econômica e Circuitos Produtivos”.

imobiliário e comércio e serviços), essas atividades demonstram a dinâmica da acumulação capitalista local e, por isso destacamos o setor industrial.

A indústria prudentina iniciou-se na fase considerada *industrialização restrita*, quando o padrão de produção estava voltado para dentro do mercado nacional e cujo objetivo era promover a industrialização *substitutiva de importações*.

De modo geral, o desenvolvimento do setor industrial estende-se entre o período de 1930 a 2006 e pode ser classificado em duas fases: a primeira, caracterizada pelo predomínio de capital externo; na segunda, assiste-se à proeminência de capital local.

A indústria com base em capital externo originou-se de indústrias estrangeiras que se instalaram no município e na região de Presidente Prudente/SP. Os ciclos de expansão e declínio de cada indústria dependiam do tipo de setor em que elas atuavam - os principais ciclos de desenvolvimento da industrialização são definidos em três fases: a) as indústrias beneficiadoras³, período de 1937/1983; b) as indústrias frigoríficas⁴, período 1960/1991; e a última c) a fase das indústrias BORDON e CICA⁵.

O início da década de 1990, é marcado pelo fechamento das últimas agroindústrias de grande porte, de capital externo, encerrando, pelo menos temporariamente, o ciclo agroindustrial em Presidente Prudente/SP.

A indústria com base em capital local originou-se dessas 13 indústrias locais⁶: Bebidas Wilson Ind. e Com. Ltda (1945), Irmãos Crepaldi Cia Ltda (1946), Bebidas Funada Ltda (1947), Bebidas Asteca Ltda (1948), Pastifício Liane Ltda (1963), Vicente Furlaneto Cia Ltda (1964), Dicoplast S/A (1966), Goydo Implementos Rodoviários (1966), Regina Ind. e Com. Ltda (1971), Staner Eletrônica Ltda (1973), Curtume Touro (1978), Calçado Touro (1981), e Prudenfrigo Ltda (1988). A escolha dessas indústrias deu-se pela importância histórica que possuem. A indústria de capital local tem os seus primórdios na década de 1940, sendo constituída essencialmente por pequenas unidades fabris de imigrantes. Na década de 1970, essas indústrias tiveram um destaque tanto local como regional e, nos anos de 1980, aumentaram as suas áreas de atuação ao englobar o mercado nacional e, em alguns casos, o mercado internacional. Já na década de 1990, o setor secundário prudentino é composto única e exclusivamente por indústrias de capital local.

Esses dois tipos de indústrias compõem a história da industrialização no município. A contribuição de ambas foi importante para o crescimento e desenvolvimento da cidade. O desenvolvimento da indústria de capital externo contribuiu de forma ímpar para a expansão do setor secundário, mas a sua saída provocou graves consequências, como a desarticulação entre campo e cidade.

Já as indústrias de capital local contribuíram com o desenvolvimento do município, ao longo da história, paulatinamente, conforme as suas possibilidades. Suas

³ Leite (1972 p. 141) - Usinas ou depósitos na Alta Sorocabana: Anderson Clayton S/A, Continental Gin Co S/A, Matarazzo S/A, Mac Fadden e Cia, Sambra S/A, Esteves e Irmãos, Cooperativa Agrícola Cotia, Braswey S/A, Lótus, Algodoeira do Sul, etc.

⁴ As indústrias que se instalaram na região de Presidente Prudente na década de 60, foram: o Frigorífico Bordon (1960), em Presidente Prudente; o Frigorífico Kaiowa (1965), em Presidente Venceslau; o Frigorífico Prudentino (1966), em Presidente Prudente; Frigorífico Luziari (posteriormente) Frigorífico Prudente (1981), Presidente Prudente; o Curtume Scarbord em (1974); e o Curtume Touro (1978), ambos localizados em Presidente Prudente/SP.

⁵ A fase das indústrias CICA e BORDON – essas indústrias instalaram-se no município em meados da década de 1960 e década de 1990 do século anterior. Essas indústrias, conforme Dundes (1998), trouxeram o desenvolvimento econômico para a região, e o seu fechamento provocou novamente uma desestruturação interna entre campo e cidade.

⁶ Dundes (1998, p. 120) – Histórico das principais indústrias de Presidente Prudente/SP.

principais características são: a) foram constituídas de modestas quantias monetárias; b) atuam no segmento das indústrias de bens de consumo não duráveis (alimentícios, bebidas, frigoríficos, curtumes). Entretanto, o desenvolvimento industrial prudentino não atingiu o seu ápice devido à desarticulação entre o setor secundário e o poder público, verificando-se descaso das autoridades competentes locais quanto ao desenvolvimento da economia da mesma.

Na realidade, ao longo da história de Presidente Prudente/SP, não se observou o desenvolvimento de um verdadeiro processo industrial. Vejamos como Dundes (1998) descreve o processo de (des)industrialização e o discurso desenvolvimentista da cidade,

[...] a cidade não se industrializou de fato, mas a partir da década de 60, observou-se um intenso avanço da urbanização no município e um retrocesso de suas atividades agrícola e industrial. Foi justamente neste contexto que emergiu e se disseminou um discurso desenvolvimentista industrial, que colocou a industrialização como a única alternativa para promover o desenvolvimento econômico e social da cidade. (DUNDES, 1998, p. 12)

A autora afirma, sobre a década de 1960, que foi a partir desse momento que o discurso desenvolvimentista ganhou força (na localidade), tornando-se efetivamente base de campanhas políticas⁷. O objetivo dos políticos locais (vereadores, prefeitos, deputados ou governadores) era o de atrair investimentos externos à localidade. Este objetivo foi utilizado, mais no intuito de eleger os candidatos do que efetivamente influir nos problemas econômicos e sociais do município.

Na verdade, o discurso industrializante, é utilizado ainda hoje, pelos políticos locais como plataforma eleitoreira, não se verificando nenhum interesse dos empresários locais em se arriscar diretamente no setor industrial – embora mantendo o discurso vivo até os dias atuais.

Contudo, os empresários locais, que propagavam o discurso industrializante, não investiam no setor industrial da cidade, e sim, no setor agropecuário e imobiliário urbano, em virtude da facilidade de ganhos monetários e do baixo risco financeiro que caracterizavam essas duas atividades.

Nesse quadro, surge o imigrante nipônico interessado em investir no setor secundário, diferentemente de outros empresários locais, que propagavam o discurso industrializante, mas investiam no setor agropecuário e no setor imobiliário urbano. Assim, torna-se importante conhecer a história dos empresários nipo-prudentinos para se (re)construir o perfil geral das indústrias nipônicas locais.

Este artigo será desenvolvido em duas partes: iniciamos com uma discussão sobre a evolução histórica do empresário e num segundo momento apresentamos o desenvolvimento da indústria e do empresariado nipo-prudentino.

1 - Noções epistemológicas sobre o empresário brasileiro.

A evolução histórica do empresário brasileiro iniciou-se a partir de 1870, quando houve um crescimento industrial significativo no Brasil. É nesta fase, que emergiu o debate sobre as origens sociais e econômicas do empresário industrial paulista. Duas principais correntes podem ser identificadas neste debate.

A primeira, a abordagem do capitalismo tardio⁸, argumenta que em São Paulo os cafeicultores constituíram o grupo social do qual emergiu a burguesia industrial.

Analisando-se o tipo de industriais brasileiros, observa-se que boa parte deles se constituiu de indivíduos de origem modesta que, estabelecendo-se com empreendimentos a princípio, insignificantes, conseguiram graças aos grandes lucros dos momentos de prosperidade e um padrão de vida recalcado para um mínimo essencial à subsistência, ir acumulando os fundos necessários para ampliarem suas empresas. Este será o caso, em particular, de imigrantes estrangeiros colocados em situação social que lhes permitia tal regime de vida. Efetivamente a maior parte da indústria brasileira encontrou-se logo nas mãos de adventícios de recente data ou seus sucessores imediatos – Matarazzo, Crespi, Jaffet, Pereira Ignácio etc. (PRADO JR, p. 265)

A segunda, a abordagem do imigrante burguês⁹, argumenta que o papel mais importante na promoção da industrialização em São Paulo coube ao grupo formado por imigrantes importadores.

Os dados biográficos que se possuem revelam que quase todos, em suas pátrias, haviam morado em cidades, pertenciam às famílias de classe média e possuíam instrução técnica, ou, pelo menos, certa experiência no comércio ou na manufatura. Muitos chegaram com alguma forma de capital: economia de algum negócio realizado na Europa, um estoque de mercadorias, ou a intenção de instalar a filial de sua firma. Outros haviam sido contratados para trabalhar em empresas de propriedades de fazendeiros, a semelhança dos colonos e dos operários têxteis, mas como técnicos ou administradores..., em geral os burgueses imigrantes chegaram à São Paulo com recursos que os colocavam muito à frente dos demais praticamente estabeleceram uma estrutura de classe pré-fabricada. (DEAN, 1971, p. 59)

O empresário brasileiro capitalista emergiu somente na segunda metade do século XIX, com a expansão da economia cafeeira. Essa classe empresarial cafeeira estabeleceu a base econômica e social para a emergência de um estágio mais avançado do desenvolvimento capitalista brasileiro. A industrialização foi promovida por ambos, os

⁷ Dundes, (1998, p. 147)

⁸ Ver; MELO, João Manuel Cardoso de. O capitalismo tardio: contribuição a revisão crítica da formação e desenvolvimento economia brasileira. 10 ed. Campinas: Unicamp/IE, 1998; CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo, 3ª ed. Campinas, 1977.

⁹ Ver; DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo (1880-1945). São Paulo, 1971; e GORENDER, Jacob. A burguesia brasileira. São Paulo, 1986.

chamados cafeicultores e imigrantes burgueses¹⁰. Entretanto, os industriais nascentes das classes médias brasileiras¹¹ expandiram-se em virtude da conjuntura da época que era propícia, mas, sobretudo, da acumulação privada dos lucros obtidos das atividades industriais. Já os industriais nascentes das classes médias européias possuíam uma boa bagagem de conhecimento e tecnologia superior às classes médias burguesas nacionais, sem considerar que vários deles imigraram para o Brasil capitalizados e com o objetivo de instalarem suas fábricas aqui no país.

O Conde Matarazzo é o maior representante do grupo dos imigrantes burgueses. A sua história mistura-se com a história da industrialização no Brasil. Foi um imigrante valorizador do *self made-man* (a dedicação ao trabalho e a poupança contumaz que o levou a condição de industrial), do pioneirismo heróico. Dizia ser um imigrante como outro qualquer e que veio para o Brasil descapitalizado. Mentira migrou com o propósito de montar um estabelecimento comercial e não para trabalhar como colono nas fazendas de café. Matarazzo era um empresário paternalista, pois centralizava as decisões da administração do Grupo, almejando lucro e o poder. Tinha uma personalidade dominadora e carregada de significados ideológicos e místicos - ao mesmo tempo, era conde e operário.

O empresário industrial surge de forma significativa dentro da formação sócio-espacial brasileira a partir da grande Depressão de 30 e da Segunda Guerra Mundial, consolidando assim, a industrialização substitutiva de importações.

Antes disto não poderíamos falar de empresários schumpeterianos no Brasil, na medida em que as unidades de produção básicas de todo o período pré-industrial brasileiro – os latifundiários – jamais se constituiriam em empresas capitalistas modernas, em que o desenvolvimento tecnológico e aumento da eficiência são preocupações básicas. (BRESSER-PEREIRA, 1974, p. 14)

Assim, é no governo de Juscelino Kubiteschek (1956-1960) que podemos verificar o aceleração do desenvolvimento econômico e, principalmente, a consolidação da indústria nacional, pela introdução de setores industriais básicos – indústrias de bens de capital. Concomitantemente, ocorreu nesta fase, a entrada de empresas multinacionais juntamente com o aparecimento dos administradores profissionais schumpeterianos¹².

Schumpeter (1982), ao escrever o livro “*Teoria do desenvolvimento econômico*”, analisou a dinâmica e o comportamento dos empresários em inovar - empreender. A dinâmica da inovação schumpeteriana pode ser encontrada no Brasil, a princípio, com a introdução dos administradores-profissionais, mas, no entanto, só irá se consolidar com a abertura econômica/comercial¹³ na década de 1990 no Governo Fernando Collor de Melo.

¹⁰ Ver; BIRCHAL, Sérgio de Oliveira. O empresário brasileiro. Revista de Economia Política, vol. 18, nº (71), julho-setembro/1998.

¹¹ Ver; SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da indústria. 8ª ed. São Paulo: Alfa Omega, 1995.

¹² Com a entrada do capitalismo internacional na indústria brasileira a partir dos anos cinquenta, e com o grande processo de expansão e burocratização por que passam, então, as empresas, surgem um novo personagem no processo de desenvolvimento do país: o administrador de empresas profissional. (BRESSER-PEREIRA, 1974, p. 21). Ver Também; CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1964.

¹³ A política industrial nacional está subordinada ao estilo da mundialização do capital nas diversas dimensões: financeira, produtiva, comercial, etc. Essa política acaba promovendo a livre concorrência entre o parque industrial nacional *versus* o parque industrial internacional, em virtude da abertura do mercado brasileiro a partir da década de

Em linhas gerais, é a partir desse momento que ocorre um aumento no nível de competitividade entre as empresas, de modo que, sobreviveram somente aquelas que melhor se adaptaram as novas mudanças estruturais, tecnológicas e informacionais. A propósito, o padrão de desenvolvimento empresarial dos nipo-prudentinos, nesse período, passou por um profundo ajustamento, sobretudo adotando novas formas de produção. Diante disso, é necessário conhecer a discussão teórica sobre o estudo de Schumpeter com relação ao empresário-empREENDEDOR.

Segundo o autor, conforme Bertolli (2003), a dinâmica econômica do capitalismo é dada pelas inovações tecnológicas introduzidas no sistema econômico, causando-lhes transformações, fruto do que ele chamou de novas combinações.

- “1. Introdução de um novo bem – ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estiverem familiarizados – ou de uma nova qualidade de um bem;
2. Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo próprio da indústria de transformação, que de modo algum precisa ser baseado numa descoberta cientificamente nova, e pode consistir também em uma nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria;
3. Abertura de um novo mercado (...);
4. Conquista de uma nova frente de matérias-primas ou de bens semimanufaturados (...);
5. Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria (...).” (SCHUMPETER, 1982, p. 48-49)

Seriam essas as inovações que o autor chamou de empresário-empREENDEDOR, aquele que, utilizando-se das novas combinações, iniciaria o processo de mudança no sistema econômico levando a um fenômeno descrito como destruição criadora¹⁴.

O que leva o empresário-empREENDEDOR a inovar, segundo Schumpeter, é a perspectiva de obtenção de lucros extraordinários (temporários ou não), que podem lhe proporcionar melhorias pessoais e para sua empresa. Isso levaria outros (novos) empresários, outras (novas) empresas a buscarem novos processos produtivos, novos produtos, nova concorrência, conformando o dinamismo do desenvolvimento. (BERTOLLI, 2003, p. 26)

Assim, através das inovações tecnológicas e nos modos de combiná-las, o empresário promove o desenvolvimento econômico. De acordo com BRESSER-PEREIRA (1974), foi Schumpeter quem observou, ainda em 1911, que a função essencial de transformar o desenvolvimento tecnológico em realidade, de por em práticas novas

1990. Com isto, a maioria das indústrias nacionais acaba perdendo mercado no território brasileiro por serem inferiores tecnologicamente.

¹⁴ O autor apresenta o processo de destruição criadora como um mecanismo atribuído à dinâmica do sistema econômico que tende a se tornar uma prática incessante: do fenômeno destrutivo aplicado ao “velho”, se cria o “novo”, através das inovações (SCHUMPETER (1984) apud BERTOLLI (2003), p. 50).

combinações de fatores de produção, de produzir novos produtos, de descobrir e criar novos mercados, que a função, enfim, de inovar cabia ao empresário. Em síntese, *o fenômeno da inovação é o propulsor do movimento e a transformação da máquina capitalista*. (SCHUMPETER, 1982, p. 112)

Para Bresser-Pereira (1974), há dois tipos de empresários industriais capitalistas no Brasil: o dono de empresa e o dirigente-de-empresas. O dono de empresa não incorporou no seu plano de trabalho as características de inovar – seja invenções próprias ou alheias. Já o dirigente-de-empresas comanda a unidade produtiva em nome próprio ou em nome de acionistas, dirige uma empresa inovando e promovendo a acumulação de capital. Nesse sentido,

O estudo sobre o perfil do empresário industrial nipo-prudentino está assentado na análise dos proprietários/donos de empresas, mas, sobretudo, na capacidade de inovar desses empreendedores japoneses que constituíram a sua unidade fabril no município de Presidente Prudente/SP.

2 – Desenvolvimento da indústria e do empresariado nipo-prudentino.

O desenvolvimento da indústria nipo-prudentina emergiu concomitantemente com as indústrias de capital local, a partir de 1940. Essas indústrias mais antigas, cujos proprietários eram em sua maioria formados por imigrantes, foram importantíssimas para a expansão do setor secundário no município.

Dundes (1998), descreve em linhas gerais a participação dos japoneses e italianos no processo de industrialização em Presidente Prudente/SP.

É necessário salientar que a influência direta do imigrante, na origem da indústria prudentina, limitou-se estritamente às mais antigas: as indústrias de bebidas por exemplo, foram fundadas na década de 40 por imigrantes japoneses, e ainda hoje continuam sob o comando da família de seus fundadores; já outras indústrias, como o Curtume Crepaldi e fábrica de calçados Furlanetto, foram fundadas por descendentes de imigrantes italianos. É inegável, portanto, a importância dos imigrantes, especialmente japoneses, na constituição de algumas das fábricas locais de bebidas e molhos (principalmente o molho de soja, destinado ao atendimento da colônia local). A presença do imigrante japonês, neste caso foi condicionante para a existência de tais indústrias; entretanto, a longevidade e o sucesso empresarial não são conquistas exclusivas das indústrias cujos fundadores foram imigrantes: indústrias mais novas como Liane, a Staner, e a Regina, que atuam no mercado nacional, por exemplo, não surgiram das iniciativas de imigrantes; seus fundadores são descendentes da segunda e terceira geração de estrangeiros. (DUNDES, 1998, p. 116)

As indústrias nipo-prudentinas são as únicas empresas “sobreviventes” da década de 1940 a sua história pode ser “considerada” como marco da industrialização no

município. Essas indústrias lideraram e lideram a industrialização com base em capital local. Poucos empresários locais na história do setor secundário prudentino ousaram investir nesse setor. Por isso, a indústria nipônica local é muito importante para o desenvolvimento do município. A sua longevidade (60 anos) mostra o seu compromisso com a comunidade prudentina, concomitantemente, como outras indústrias mais novas (Curtume Touro, Regina, Liane, Stnaer e etc.).

Para a (re)construção das indústrias nipo-prudentinas o estudo foi assentado nas seguintes empresas: Bebidas Asteca Ltda, Bebidas Funada Ltda, Bebidas Wilson Indústria e Comércio Ltda e Sakura Nakaya Alimentos Ltda, de acordo com os seguintes critérios: a) início das atividades industriais na década de 40; b) os fundadores (sócios) terem residência em Presidente Prudente; c) magnitude do capital. Essas empresas são consideradas tradicionalíssimas e pioneiras do setor secundário na cidade, e foram fundadas antes da década de 50, facilitando assim, o objeto de estudo a indústria nipo-prudentina. (Vide o quadro 1, a seguir)

Quadro 1 - Perfil geral das indústrias nipo-prudentinas.

INDÚSTRIAS	FUNDADOR	INSTALAÇÃO	ORIGEM JAPONESA¹⁵
Bebidas Asteca Ltda.	Keneti Fukuhara Massami Honda	1948	Issei (1º geração)
Bebidas Funada Ltda.	Mappei Funada	1947	Issei (1º geração)
Bebidas Wilson Ltda	Motoichi Oki	1945	Issei (1º geração)
Sakura Nakaya Ltda.	Hidekazu Nakaya Suekichi Nakaya	1950	Issei (1º geração)

Fonte: Secretária de Desenvolvimento Econômico Municipal, Associação Comercial e Industrial, FIESP e CIESP – 11/2005.

Organizador: Adriano Amaro de Sousa

As histórias desses imigrantes nipônicos são semelhantes. Todos vieram para o Brasil despossuídos de qualquer quantia monetária, acumularam o seu capital no árduo trabalho na lavoura, posteriormente, passaram para o comércio e tempos depois adquiriram sua pequena unidade fabril. Essas quatro unidades de produção atuam no mesmo segmento de bebidas e molhos e são concorrentes entre si, exceto a Indústria de Bebidas Funada que produz refrigerantes - um produto diferenciado daqueles das outras três indústrias. Das quatro indústrias nipo-brasileiras, apenas três podem ser consideradas de capital local. Já a Indústria Sakura Alimentos após 1976, deixou de ser capital local devido à fusão da unidade prudentina com a indústria do Sr. Suekichi Nakaya, passando assim, a ser uma simples filial – multinacional brasileira.

Em suma, a indústria nipo-prudentina se destacou pelos seus produtos (bebidas e molhos – em especial o molho de soja) e também pela conquista de novos mercados em todo território nacional e até internacional. Outra característica marcante no trabalho desses

¹⁵ O grau de parentesco dos industriais nipo-brasileiros deu-se pela descendência japonesa constituída no Brasil. As características são: issei (1º geração), nissei (2º geração), sansei (3º geração) e ionsei (4º geração). Tal característica contribui para a formação das origens sociais, juntamente, com a análise da trajetória de trabalho do imigrante nipônico local, desde sua participação no complexo cafeeiro até o seu papel na industrialização do Oeste Paulista.

imigrantes nipônicos é a dedicação para o trabalho, à disciplina e a organização, a perseverança em acreditar no seu empreendimento e muito trabalho. Os industriais nipo-prudentino são considerados (na atualidade) de empresários de referência local. Eles representam o símbolo do progresso empresarial no município. O sucesso empresarial desses imigrantes foi alcançado “graças” ao trabalho comunitário/familiar. Hoje a característica mais marcante da indústria nipônica para o desenvolvimento local sem dúvida a sua dinâmica econômica (a circulação de capital na cidade, arrecadação de impostos para os cofres públicos, e a sua contribuição social gerando entorno de 1.000 empregos diretos, etc).

Conclusão

As indústrias nipo-prudentinas foram formadas por imigrantes japoneses e seus descendentes. A origem do capital industrial (dessas indústrias) deu-se pela fusão do capital agrícola com o capital comercial, que compõem a base da formação e constituição dessas atuais indústrias pesquisadas: Bebidas Astecas, Bebidas Funada, Bebidas Wilson e Sakura Alimentos. Essas indústrias, ainda, são de médio porte, cujos seus fundadores residem em Presidente Prudente/SP. Notou-se, também, que as indústrias foram constituídas por modestos capitais e, sobretudo, das iniciativas e sonhos desses imigrantes em montarem na cidade o seu próprio negócio.

A participação do empresário nipo-prudentino no processo de desenvolvimento local bem como do empresariado regional, em poucas palavras, deu-se de forma tímida. As entidades de classes (Secretaria de Desenvolvimento Econômico Municipal, Associação Comercial e Industrial, SEBRAE, FIESP e CIESP) precisam dar um melhor suporte técnico aos industriais para fomentar o desenvolvimento do setor secundário no município. Contudo, as indústrias nipônicas locais estão fazendo a sua parte, especialmente porque têm buscado melhores alternativas para o crescimento do seu empreendimento, ainda que forma conservadora.

O empresário nipônico local pretende superar o padrão tecnológico para diminuir custos e aumentar a produção. Para continuar inovando o seu parque fabril os empreendedores utilizam os recursos próprios e a política de financiamento do governo. As principais linhas de financiamento utilizadas pelos industriais são as do BNDES, em virtude das taxas de juros serem baixas se comparadas com os bancos comerciais e a forma de pagamento em longo prazo - 50% dos industriais em análises recorrem à política de financiamento.

Essas indústrias comandadas pelos empresários industriais nipônicos não concorrem, a princípio, com o grande capital (as multinacionais ou as grandes corporações globais) por isso se localizam no circuito “inferior” da economia (inter)nacional e atendem somente uma demanda regional/local. No entanto, esses industriais conseguiram suportar as crises turbulentas dos anos 1990 (quando o Estado deixa de ser protecionista e abre o mercado brasileiro para economia internacional), a partir de um processo de capitalização próprio baseado, eminentemente, na venda dos seus produtos, seguida por outras atividades empresariais do grupo (transporte, pecuária etc.), mas, sem depender do mercado financeiro (bancos comerciais). É válido ressaltar que, essas empresas estão sobre o comando da segunda e terceira geração, *a priori*, parece que a sucessão familiar das indústrias estão bem consolidadas, mas, nunca é demais alertar estes sobre a importância dessa sucessão para que não haja algum contra tempo futuro. Assim, neste início século, continuamos propondo aos industriais locais e aos consultores de empresas que a inovação

ainda é a mola propulsora do desenvolvimento, aliada as novas tecnologias e a informação. Lembramos, também, que esses empresários precisam ter uma boa noção de conjuntura para interpretar o quadro macroeconômico (PIB, cambio, etc.) e não ficar preso (somente) nas questões micro (finanças, custos, marketing, etc.).

Em suma, os industriais nipo-prudentinos precisam inovar para conquistar novos mercados e parceiros, expandindo assim, a sua produção - lucratividade. Com isto, contribuindo para o desenvolvimento local.

Referências Bibliográficas

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.

BERTOLLI, Sandro. **Mudanças na indústria brasileira: uma análise das trajetórias de reestruturação a partir das políticas industriais e tecnológicas**. Maringá. Universidade Estadual de Maringá (dissertação de Mestrado), 2003.

_____. Poder e Desenvolvimento em Presidente Prudente/SP: Ensaio sobre economia política do local. **Revista Intertem@as**, //hptt: www.unitoledo.br, 2000.

BIRCHAL, Sérgio de Oliveira. **O empresário brasileiro**. Revista de economia política, vol. 8, nº 3 (71), jul-set./1998.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1997**. 2ed. Campinas: IE, 1998.

_____. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 3ª ed. Unicamp, 1977.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1964.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo, Difusão européia do livro, 1971.

DUNDES, Ana Claudia. **O processo de (des) industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente/SP**. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1998. (Dissertação de Mestrado)

GORENDER, Jacob. **A burguesia brasileira**. São Paulo, 6ª ed. 1986.

LEITE, José Ferrari. **A alta sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.

MARTINS, José de Souza. **Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudos de sociologia do desenvolvimento**. São Paulo: Hucitec, 1976.

MELO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio: contribuição à revisão da formação e do desenvolvimento**. 10 ed. Campinas: Unicamp/IE, 1998.

PRADO Jr., Caio. **História econômica do Brasil**. 17 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Empresários e administradores no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1974.

SCHUMPETER, Joseph Alóis. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo. Abril, 1982.

SILVA, Sergio, **Expansão cafeeira e origens da indústria**. 8 ed. São Paulo:Alfa Omega, 1995.

SUZIGAN, Wilson. **Indústrias brasileiras**: origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.